

A Revolução de 30 em Goiás

Comentário

Chega às nossas mãos, como livro, após dezoito anos, o trabalho de Ana Lúcia da Silva, fruto de sua tese de doutorado na Universidade de São Paulo.

Merecem registro o pioneirismo e o rigor da pesquisa feita, que a tornam singular na abordagem regional da Revolução de 30. Para analisar esse movimento em Goiás, Ana Lúcia opta pela dimensão metodológica balizada na “revolução democrático-burguesa” no Brasil. O processo histórico então configurado em Goiás é articulado, com a acuidade típica da autora, ao movimento nacional, sob a ótica da crise do capitalismo. Assim, o problema teórico emerge com clareza através das questões: “que classe ou classes conduziram o movimento de 30 em Goiás? Quais os objetivos do movimento? Quem ganhou e quem perdeu em 1930? O que o movimento significou para Goiás?”

Destaca-se na obra a mediação equilibrada entre os pressupostos teóricos e as fontes históricas, contribuindo a pesquisadora para o fortalecimento da vertente que se distancia dos enfoques meramente teoristas ou empiricistas. Essa postura evidencia seu modo de ver e explicar o mundo, pelo cotejamento da pesquisa empírica com a teoria, num contexto marcado pela reflexão. Nesse sentido, é fecunda sua contribuição, ao demonstrar organização e acuidade na realização de ampla pesquisa documental, mesmo diante das dificuldades advindas da precária organização dos arquivos pesquisados à época. Segundo suas próprias palavras, “achar os documentos referentes ao período analisado era um verdadeiro trabalho artesanal”. No entanto, Ana Lúcia, com um olhar atento, alcança notável agregação de informações e recursos da interpretação histórica.

A relevância desse estudo se mede pelo significativo número de referências e citações nas pesquisas realizadas por outros historiadores, cientistas sociais, geógrafos, educadores, que abordam a formação do Estado de Goiás. A Revolução de 30 em Goiás soma-se, portanto, a outras interpretações historiográficas regionais, constituindo referência obrigatória nos estudos da área. Sua publicação em livro confirma a importância do tema e amplia seu acesso ao público externo à Universidade.

Nesse caso, não apenas a obra merece análise. Às vezes autor e obra se confundem. E aqui ajusta-se a expressão “saber militante” (tomada aos Ensaios sobre Florestan Fernandes) para traçar o perfil de Ana Lúcia, cuja inserção no mundo está marcada pela vocação, por razões e escolhas que extrapolam a carreira acadêmica em si: graduou-se em História pela Universidade Católica de Goiás; foi professora de História das Universidades Católica e Federal de Goiás, tendo dirigido, nas duas instituições, o Departamento de Ciências Humanas; coordenou o Mestrado em História das Sociedades Agrárias, na UFG; fundou e integrou tanto a diretoria da Associação de Docentes quanto a de Servidores; foi uma das criadoras da Assembléia do Povo, em Goiânia; na década de 80, participou da criação da CUT estadual e nacional, tendo sido membro da Executiva Nacional; integra o Núcleo de Educação Popular XIII de Maio, de São Paulo; e é fundadora e coordenadora geral do Núcleo de Educação Popular José Novaes, da Bahia. Foi ainda assessora da Comissão Pastoral da Terra no Triângulo Mineiro e coordenadora da Comissão de Justiça e Paz da Bahia.

A coerência entre atuação acadêmica e engajamento político confere à autora e a sua obra um traço especial de credibilidade.